

Estética musical e hibridizações no trap brasileiro: *uma leitura de seus subgêneros*

Bernardo Novaes Carqueijo¹
Bruno César dos Santos²

Resumo

Esta iniciação científica analisa a estética fonográfica do trap brasileiro e seus subgêneros, investigando como este estilo musical reflete tanto as influências do trap americano quanto as peculiaridades culturais e sociais do Brasil. A pesquisa parte da hipótese de que o trap brasileiro representa um processo de hibridização cultural que vai além da mera imitação, constituindo um diálogo criativo que enriquece a cena musical brasileira. Através de uma metodologia que combina pesquisa bibliográfica e análise qualitativa de conteúdo musical, o estudo mapeia os elementos sonoros característicos do trap brasileiro, identifica suas influências americanas e peculiaridades locais, analisa seus subgêneros e variações regionais, e examina suas dimensões socioculturais. Os resultados revelam como o trap brasileiro se apropria de elementos do trap americano (batidas, samples, técnicas de produção) e os molda com peculiaridades brasileiras (língua portuguesa, ritmos regionais, narrativas urbanas locais), criando uma sonoridade simultaneamente global e local. Destaca-se a relação simbiótica entre o trap e o funk brasileiro, que representa um reencontro de gêneros com raízes comuns no hip hop. Esta fusão não apenas enriquece o campo cultural, mas também tem consequências econômicas e sociais, impulsionando a indústria musical, gerando oportunidades para artistas periféricos e fortalecendo a identidade cultural brasileira. O estudo conclui que a estética fonográfica do trap brasileiro, com sua capacidade de dialogar com diferentes referências e expressar a identidade do país, exemplifica como a música pode ser um espaço de encontro, transformação e resistência.

Palavras-chave: Trap brasileiro, estética audiovisual, redes sociais, identidade cultural, música urbana, hibridismo cultural

1. Introdução

O trap, enquanto subgênero do hip-hop originado no sul dos Estados Unidos na década de 1990, consolidou-se a partir de uma estética sonora marcada por minimalismo rítmico, uso intenso de baterias eletrônicas — especialmente a Roland TR-808 — e temáticas ligadas às vivências

¹ Aluno do curso de Rádio, Televisão e Internet (RTVI) da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: 241363@sou.fapcom.edu.br;

² Professor dos cursos Bacharelados, Licenciatura e Tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente dos grupos de pesquisa “Infotainment, kitsch e endereçamento: diálogo informal, humor velado e hibridismo genérico em programas telejornalísticos e talkshows brasileiros” e “Histórias do Rádio e da TV: Em prol da construção do museu da fala do radialismo paulista” E-mail: bruno.santos@fapcom.edu.br;

urbanas periféricas, como a sobrevivência e o tráfico de drogas. Ao ser incorporado no Brasil a partir de meados da década de 2010, o gênero inicialmente ocupou espaços underground, mas rapidamente passou por um processo de resignificação, no qual elementos sonoros e estruturais foram adaptados às especificidades culturais e sociais do país.

Esse movimento não se restringe à dimensão técnica, mas envolve um processo mais amplo de hibridização cultural, no qual o trap brasileiro articula influências globais com práticas locais, resultando em uma estética própria. A sonoridade, caracterizada por graves intensos, hi-hats acelerados e sintetizadores, passa a dialogar com experiências das periferias urbanas brasileiras, incorporando também elementos visuais e performáticos associados ao glamour urbano, frequentemente em tensão com as realidades sociais retratadas nas letras.

Um dos aspectos centrais dessa transformação é a aproximação entre trap e funk, fenômeno compreendido como um reencontro de matrizes culturais que compartilham origens no hip-hop e trajetórias vinculadas às periferias. Tal convergência evidencia não apenas afinidades sonoras, mas também identitárias e discursivas, ampliando as possibilidades expressivas do gênero. Nesse contexto, o trap brasileiro se configura como um espaço de experimentação estética e de enunciação de questões sociais, como desigualdade, discriminação e violência, potencializado pela democratização das tecnologias de produção musical.

Além disso, o gênero pode ser interpretado como uma forma de resistência simbólica, na medida em que tensiona estruturas de poder e redefine modos de inserção nos circuitos de consumo e comunicação. Artistas e públicos utilizam a música como ferramenta de negociação identitária, apropriando-se de signos culturais e práticas de consumo para afirmar pertencimentos e produzir sentidos sobre sua posição social.

A estética fonográfica do trap brasileiro, portanto, emerge como resultado de um processo dinâmico de apropriação e transformação, no qual influências externas são reelaboradas a partir de vivências locais. Essa articulação entre o global e o local produz uma sonoridade singular, marcada pela língua portuguesa, por ritmos regionais e por narrativas urbanas, consolidando o gênero como espaço de inovação estética e expressão cultural. Tal movimento também possui impactos econômicos e sociais, ampliando o alcance do trap no mercado musical e fortalecendo sua relevância no cenário cultural contemporâneo.

Diante desse panorama, a pesquisa propõe analisar a estética fonográfica do trap brasileiro, investigando suas influências, peculiaridades e manifestações na produção musical contemporânea. Parte-se da hipótese de que o gênero não se configura como mera reprodução do modelo norte-americano, mas como um processo de hibridização que evidencia a criatividade e a diversidade cultural brasileira. Para tanto, adota-se uma abordagem metodológica que combina revisão bibliográfica e análise qualitativa de produções musicais, entrevistas e estudos de caso, com o objetivo de compreender tanto os aspectos técnicos quanto os sentidos socioculturais que atravessam o fenômeno.

Por fim, ressalta-se a relevância do estudo diante da crescente expansão do trap no Brasil, evidenciada por dados recentes de consumo musical, o que reforça a necessidade de investigações acadêmicas que compreendam suas dinâmicas estéticas e seus impactos culturais. Ao articular teoria e análise empírica, o trabalho busca contribuir para os estudos culturais e musicais, oferecendo uma leitura crítica sobre um dos fenômenos mais expressivos da música contemporânea brasileira

2. Referencial Teórico

2.1 O hip hop como fenômeno cultural global

O hip hop é muito mais que um gênero musical; constitui-se como um conjunto de práticas culturais que nasce em meados dos anos 70 em Nova York, nas mãos de populações jovens de origem negra e latina, em meio à decadência local frente a um país em plena ascensão do capitalismo financeiro. Para compreender adequadamente o trap brasileiro e sua estética fonográfica, é fundamental contextualizar suas raízes no hip hop como um fenômeno cultural global.

Como explica Felipe Maia (2023), o hip hop se abre desde o princípio como discurso e estética para um sem número de possibilidades e disciplinas que se apoiam em três eixos principais: as práticas vocais das populações negras estadunidenses, como a fala musicada e a batalha de rimas; as práticas de deturpação técnica, fruição e escuta musical jamaicanas; e as práticas de dança de populações negras e caribenhas. Esse encontro vai mostrar como o setor de

arte e entretenimento dos Estados Unidos se desenvolveu e se divulgou depois, especialmente no pós-Guerra, espaço em que tecnologias digitais e midiáticas da chamada indústria cultural ganham muita força.

Segundo Chang (2005), o hip hop surgiu no South Bronx, em Nova York, em um contexto de crise econômica, desinvestimento urbano e tensões raciais. Afrika Bambaataa, DJ Kool Herc e Grandmaster Flash são frequentemente citados como os pioneiros que estabeleceram as bases do que viria a se tornar a cultura hip hop. Inicialmente, o hip hop era composto por quatro elementos principais: o DJ (disc jockey), o MC (mestre de cerimônias), o breaking (dança) e o grafite (expressão visual). Esses elementos formavam uma cultura completa, que oferecia aos jovens marginalizados formas de expressão, identidade e resistência.

Rose (1994) argumenta que o hip hop emergiu como uma forma de resistência cultural, permitindo que comunidades marginalizadas criassem narrativas alternativas às representações dominantes. A autora destaca como o hip hop utilizou a tecnologia disponível de maneiras inovadoras, transformando toca-discos em instrumentos musicais através de técnicas como o scratching e o sampling. Essa apropriação tecnológica reflete a capacidade do hip hop de transformar limitações em possibilidades criativas, característica que seria posteriormente incorporada pelo trap.

A globalização do hip hop começou nos anos 1980, quando filmes como "Wild Style" (1983) e "Beat Street" (1984) levaram a cultura hip hop para audiências internacionais. Segundo Mitchell (2001), o hip hop foi adaptado em diferentes contextos culturais ao redor do mundo, resultando em formas locais que refletem as especificidades de cada região. Esse processo de "glocalização" – a adaptação de um fenômeno global a contextos locais – é fundamental para entender como o trap americano foi reinterpretado no Brasil.

No Brasil, como aponta Maia (2023), é também na década de 70 quando o país passa por uma fase de consolidação da urbanização e em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo se acentua o processo de segregação das populações segundo classe e cor. Festas das comunidades negras crescem na ânsia de atender esse público. Essas celebrações revolucionárias (pelo simples fato de existirem) vão, pouco a pouco, prescindindo de bandas, passando a optar por opções mais baratas e eletrificadas. Em bailes como o paulistano Chic Show ou as festas cariocas do ginásio de

Madureira surge a figura do disc-jockey — a exemplo de práticas comuns não só nos Estados Unidos, mas também na Jamaica — e fazem sucesso faixas do soul da Motown e da funk music da Atlantic Records.

A tomada do hip hop pela população brasileira negra e, até então, largamente marginalizada vai ocorrer enquanto processo de renovação constante da música popular levado a princípio por DJs, jovens em busca de novidade — marcador geracional — e personagens de liderança com poder de influência. Trata-se de uma operação socio-econômica, identitária e de habitus no sentido bourdiano e não de uma narrativa ingênua, fantástica e mítica — e isso também vale para o caso do trap e do funk.

Herschmann (2000) analisa como o hip hop brasileiro se desenvolveu como uma forma de expressão das periferias urbanas, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. O autor destaca como o rap brasileiro, desde seus primórdios, assumiu um caráter político e de denúncia social, diferenciando-se em alguns aspectos do rap americano. Essa característica política seria importante para a legitimação do rap no cenário musical brasileiro, como observa Maia (2023), que argumenta que o rap, com seu apelo político, buscou legitimação na mídia, enquanto o funk se concentrou no Rio de Janeiro, criando sua própria rede de divulgação.

Teperman (2015) observa que o rap brasileiro passou por diferentes fases, desde sua chegada ao país nos anos 1980 até sua consolidação como um gênero reconhecido e respeitado. O autor destaca como o rap brasileiro desenvolveu características próprias, incorporando elementos da cultura brasileira e abordando questões específicas do contexto nacional. Essa capacidade de adaptação e transformação seria posteriormente observada também no trap brasileiro.

A compreensão do hip hop como um fenômeno cultural global, com suas origens, elementos constitutivos e processos de globalização e adaptação local, fornece a base necessária para entender o surgimento e desenvolvimento do trap, tanto em seu contexto original americano quanto em sua reinterpretação brasileira. Como observa Maia (2023), o hip hop é um guarda-chuva, e trap e funk estão abaixo dessa cobertura. Sob uma leitura dialética grosseira, esse cruzamento seria a síntese de antagonismos ao curso do tempo, um aperto de mãos, um salve. Ocorre que, na verdade, funk e rap nunca foram antagônicos. Eles se adequaram, sim, a um discurso verticalizado como artimanha de sobrevivência.

Essa perspectiva histórica e cultural do hip hop como um fenômeno global que se adapta a contextos locais é fundamental para compreender como o trap brasileiro desenvolveu sua própria estética fonográfica, incorporando elementos do trap americano, mas adaptando-os às peculiaridades culturais e sociais do Brasil. A próxima seção explora especificamente o trap, desde suas origens no sul dos Estados Unidos até sua expansão global e chegada ao Brasil.

2.2 O trap: do sul dos Estados Unidos para o mundo

O trap, como subgênero do hip hop, tem suas raízes no sul dos Estados Unidos, especificamente em Atlanta, Geórgia, no início dos anos 1990. O termo "trap" originalmente se referia a locais onde drogas eram vendidas ilegalmente, as chamadas "trap houses". Essa origem está intrinsecamente ligada à temática das primeiras músicas do gênero, que frequentemente abordam a vida nas ruas, o tráfico de drogas e as dificuldades enfrentadas nas comunidades marginalizadas.

Segundo Burton (2017), o trap emergiu como uma resposta às realidades sociais específicas do sul dos Estados Unidos, particularmente de Atlanta, que se tornou um centro importante para a cultura hip hop no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. O autor destaca como o trap refletia as experiências vividas nas comunidades afro-americanas de baixa renda, onde o tráfico de drogas muitas vezes representava uma das poucas opções econômicas disponíveis.

Ao passo que se finca nas grandes cidades brasileiras, o hip hop cresce como indústria nos EUA. Em meados dos anos 2000 ganha forma o trap em Atlanta (Penrice, 2003), criado enquanto gênero com o disco *Trap Muzik* (2003), do rapper T.I. Surgindo nos cruzamentos possíveis do dirty south do Three 6 Mafia, da escola do Outkast ao crunk, famoso nas mãos de Lil Jon, o trap se sustenta desde o início como uma versão maximalista da música eletrônica feita para o rap, incorporando texturas eletrônicas, percussões programadas, cordas digitalizadas, tempos lentos e elementos como o AutoTune, hi-hats e viradas de caixa.

Musicalmente, o trap é caracterizado por batidas lentas (geralmente entre 60 e 100 BPM), uso intenso de subgraves, padrões rápidos e complexos de hi-hat, snares (caixas) com efeito de reverberação, e sintetizadores atmosféricos. Um elemento distintivo do trap é o uso do bumbo

eletrônico Roland TR-808, conhecido por seu som grave e prolongado, que se tornou uma marca registrada do gênero. Liricamente, o trap americano frequentemente aborda temas como pobreza, violência, tráfico de drogas e a busca por ascensão social, refletindo as duras realidades enfrentadas por muitos jovens nas áreas urbanas marginalizadas.

A ascensão do trap nos Estados Unidos pode ser associada a artistas como T.I., Jeezy e Gucci Mane, que lançaram álbuns pioneiros no início dos anos 2000 e ajudaram a popularizar o gênero. No entanto, foi na década de 2010 que o trap alcançou o mainstream, com artistas como Waka Flocka Flame, Future e Migos trazendo o gênero para um público mais amplo. A produção de produtores como Lex Luger, Mike WiLL Made-It e Southside desempenhou um papel crucial na definição do som do trap moderno.

A influência do trap se estendeu além dos Estados Unidos, alcançando outros países e culturas. No Canadá, artistas como Drake e Tory Lanez incorporaram elementos do trap em suas músicas, criando um som híbrido que mistura rap, R&B e trap. Na Europa, o trap se popularizou em países como França, Reino Unido e Alemanha, com artistas locais adaptando o gênero às suas próprias línguas e contextos culturais.

No Brasil, o trap começou a ganhar força em meados dos anos 2010, inicialmente como parte da cena do rap nacional. Artistas como Emicida, Criolo e Karol Conká já incorporaram elementos do trap em suas músicas, mas foi com o surgimento de uma nova geração de artistas que o trap brasileiro começou a se consolidar como um gênero distinto. Nomes como Matuê, Teto, KayBlack e Sidoka, entre outros, ajudaram a definir a sonoridade do trap brasileiro, misturando influências do trap americano com elementos da música brasileira, como o funk e ritmos regionais.

A chegada do trap ao Brasil também foi facilitada pela popularização da internet e das redes sociais, que permitiram que artistas independentes divulgassem suas músicas e alcançassem um público mais amplo. Plataformas como YouTube, SoundCloud e Spotify desempenharam um papel fundamental na disseminação do trap brasileiro, permitindo que o gênero se desenvolvesse fora dos circuitos tradicionais da indústria musical.

A relação entre o trap americano e o trap brasileiro é complexa e multifacetada. Por um lado, o trap brasileiro é inegavelmente influenciado pelo trap americano, tanto em termos de sonoridade quanto de temática. Por outro lado, o trap brasileiro desenvolveu características

próprias, incorporando elementos da cultura brasileira e abordando questões específicas do contexto nacional. Essa relação de influência e adaptação é um tema central desta pesquisa, que busca analisar como o trap brasileiro se apropria de elementos do trap americano e os transforma em algo novo e original.

2.3. A música urbana brasileira: rap e funk

A música urbana brasileira, especialmente o rap e o funk, desempenha um papel fundamental na formação da estética fonográfica do trap brasileiro. Ambos os gêneros compartilham origens nas periferias urbanas e têm sido importantes formas de expressão para jovens negros e de baixa renda no Brasil

O rap chegou ao Brasil no final dos anos 1980, como parte do movimento hip hop que incluía também o breaking e o grafite. Inicialmente concentrado em São Paulo, especialmente na região central e nas periferias da cidade, o rap brasileiro rapidamente desenvolveu características próprias, adaptando-se ao contexto social e cultural do país. Como observa Teperman (2015), o rap brasileiro desde cedo assumiu um caráter político e de denúncia social, abordando temas como racismo, desigualdade, violência policial e a vida nas periferias.

Artistas como Racionais MC's, Thaíde & DJ Hum e Sabotage foram pioneiros do rap brasileiro, lançando álbuns que se tornaram clássicos do gênero e influenciando gerações de artistas. O rap brasileiro se consolidou como uma forma de expressão da juventude periférica, dando voz a experiências e perspectivas frequentemente excluídas dos meios de comunicação tradicionais.

O funk, por sua vez, surgiu no Rio de Janeiro na década de 1970, inspirado na soul music e no funk americano. Inicialmente restrito aos bailes funk das favelas cariocas, o funk se popularizou e se diversificou, dando origem a diferentes estilos e subgêneros. O funk carioca, com suas batidas dançantes e letras explícitas, tornou-se um fenômeno cultural de massa, influenciando a música, a dança e a moda no Brasil.

Apesar de suas diferenças estilísticas e temáticas, o rap e o funk compartilham algumas características importantes. Ambos os gêneros surgiram como formas de expressão de jovens

negros e de baixa renda, abordando questões sociais e culturais relevantes para suas comunidades. Ambos os gêneros também se desenvolveram fora dos circuitos tradicionais da indústria musical, utilizando meios alternativos de produção, distribuição e divulgação.

A relação entre rap e funk no Brasil é complexa e multifacetada. Por um lado, existe uma rivalidade histórica entre os dois gêneros, alimentada por diferenças estéticas e ideológicas. Por outro lado, também existem muitas semelhanças e pontos de contato entre rap e funk, especialmente em termos de suas origens sociais e culturais.

Nos últimos anos, essa relação tem se tornado ainda mais complexa com o surgimento do trap brasileiro. Como observa Maia (2023), o trap brasileiro surge no cruzamento entre rap e funk, incorporando elementos de ambos os gêneros e criando uma sonoridade híbrida e inovadora. Essa fusão entre trap, rap e funk representa um reencontro de gêneros que compartilham raízes comuns no hip hop, mas que se desenvolveram de forma independente no contexto brasileiro.

A aproximação entre trap e funk no Brasil também reflete mudanças mais amplas no cenário musical brasileiro. Com a popularização da internet e das redes sociais, as fronteiras entre os gêneros musicais têm se tornado cada vez mais fluidas, permitindo que artistas experimentem e misturem diferentes estilos e influências. Essa tendência à hibridização é uma característica marcante da música urbana brasileira contemporânea, e o trap brasileiro é um exemplo paradigmático desse processo.

A influência do rap e do funk na estética fonográfica do trap brasileiro pode ser observada em diversos aspectos. Do rap, o trap brasileiro herda a ênfase nas letras e nas narrativas, a preocupação com questões sociais e políticas, e a atitude de contestação e resistência. Do funk, o trap brasileiro incorpora elementos rítmicos e melódicos, a sensualidade e a irreverência, e a capacidade de criar músicas dançantes e envolventes.

Além disso, tanto o rap quanto o funk desempenham um papel importante na construção da identidade cultural do trap brasileiro. Ao se apropriar de elementos de ambos os gêneros, o trap brasileiro se posiciona como parte de uma tradição musical urbana e periférica, ao mesmo tempo em que busca inovar e criar algo novo e original. Essa relação com a tradição e a inovação é uma característica fundamental da estética fonográfica do trap brasileiro, que se alimenta de diversas influências para criar um som único e contemporâneo.

2.4. A estética fonográfica na música contemporânea

A estética fonográfica, conceito que se refere à arte e à técnica de criar e moldar o som na música gravada, desempenha um papel crucial na música contemporânea. Com o avanço da tecnologia de gravação e produção musical, os artistas e produtores têm à sua disposição uma variedade cada vez maior de ferramentas e recursos para manipular o som, criando texturas, atmosferas e sonoridades que vão além do que é possível em uma performance ao vivo.

Katz (2010) argumenta que a história da música gravada é marcada por uma busca constante por novas formas de expressão sonora. Desde os primeiros experimentos com a gravação em cilindros e discos de vinil até a era digital e o software de produção musical, os artistas têm explorado as possibilidades da tecnologia para criar sons inovadores e expandir os limites da música

O desenvolvimento da música eletrônica, do hip hop e de outros gêneros musicais nas últimas décadas está intimamente ligado à evolução da estética fonográfica. Artistas e produtores como Kraftwerk, Brian Eno, DJ Kool Herc e Grandmaster Flash utilizaram a tecnologia de gravação e produção musical de maneiras inovadoras, criando sons e técnicas que se tornaram fundamentais para a música contemporânea.

No hip hop, a estética fonográfica desempenha um papel particularmente importante. Desde o surgimento do gênero nos anos 1970, os DJs e produtores têm utilizado técnicas como o sampling, o scratching e a manipulação de beats para criar sons únicos e expressivos. O sampling, em particular, tornou-se uma técnica fundamental para o hip hop, permitindo que artistas criassem novas músicas a partir de trechos de gravações existentes.

Schloss (2004) explora a arte do sampling no hip hop, destacando como essa técnica permite que os artistas criem uma relação dialógica com o passado, ao mesmo tempo em que inovam e criam algo novo. O autor argumenta que o sampling não é apenas uma forma de reutilizar músicas antigas, mas sim uma forma de recontextualizar e transformar essas músicas, criando novas camadas de significado e expressão.

A estética fonográfica do trap brasileiro é profundamente influenciada pela tradição do hip hop, especialmente no que diz respeito ao uso de samples, beats e técnicas de produção. No

entanto, o trap brasileiro também incorpora elementos de outros gêneros musicais, como o funk e a música eletrônica, criando uma sonoridade híbrida e inovadora.

A produção musical no trap brasileiro é frequentemente caracterizada por uma estética DIY (do it yourself), em que artistas e produtores utilizam recursos limitados e tecnologias acessíveis para criar músicas com sonoridade profissional. Essa abordagem DIY reflete as condições socioeconômicas de muitos artistas do trap brasileiro, que muitas vezes não têm acesso aos grandes estúdios e equipamentos caros da indústria musical tradicional.

Apesar das limitações, os artistas e produtores do trap brasileiro têm sido capazes de criar músicas com sonoridade de alta qualidade, utilizando softwares de produção musical, computadores pessoais e outros equipamentos acessíveis. Essa capacidade de criar música de qualidade com recursos limitados é uma característica marcante da estética fonográfica do trap brasileiro, que valoriza a criatividade, a inovação e a capacidade de superar obstáculos.

Além disso, a estética fonográfica do trap brasileiro também é influenciada pelas características culturais e sociais do país. A língua portuguesa, os ritmos regionais e as narrativas urbanas se refletem na sonoridade das músicas, criando uma estética que é ao mesmo tempo global e local. Essa capacidade de combinar influências globais com elementos locais é uma característica fundamental da música urbana brasileira contemporânea, e o trap brasileiro é um exemplo desse processo.

A estética fonográfica do trap brasileiro está em constante evolução, impulsionada pela criatividade dos artistas e produtores, pelas novas tecnologias de produção musical e pelas transformações culturais e sociais do país. Essa dinâmica de mudança e adaptação é uma característica fundamental da música contemporânea, que está sempre se reinventando e explorando novas possibilidades sonoras.

1.5 Cultura, identidade e música periférica

A relação entre cultura, identidade e música periférica é um tema central para a compreensão do trap brasileiro e sua estética fonográfica. A música periférica, termo que se refere

à produção musical originária das periferias urbanas, desempenha um papel fundamental na construção e expressão das identidades culturais de jovens negros e de baixa renda no Brasil.

Hall (2003) argumenta que a identidade cultural não é fixa ou essencialista, mas construída através de processos contínuos de negociação, apropriação e transformação. O autor destaca como as identidades culturais são formadas na interseção de múltiplas influências, incluindo tradições locais, fluxos globais e experiências pessoais e coletivas. Essa perspectiva é particularmente relevante para entender como o trap brasileiro articula identidades culturais que são simultaneamente locais e globais, periféricas e cosmopolitas.

No contexto brasileiro, a música periférica – incluindo o rap, o funk e, mais recentemente, o trap – tem sido um importante veículo para a expressão de identidades culturais marginalizadas. Como observa Herschmann (2000), gêneros como o rap e o funk emergiram como formas de expressão das periferias urbanas, dando voz a experiências e perspectivas frequentemente excluídas dos discursos dominantes.

Maia (2023) explora a figura do "cria", gíria carioca que agrega diversos significados e representa uma atualização da figura do malandro na cultura brasileira. O "cria" é descrito como alguém que transita entre o papel de herói e anti-herói, que sabe "dar um jeito" e que incorpora a ideia de progresso. Esse progresso, segundo o autor, está ligado à influência da igreja evangélica e sua teologia do progresso em vida, onde conquistas materiais e espirituais são atribuídas a Deus.

O autor argumenta que, nos anos 2020, não basta apenas cantar sobre a "vivência", é preciso vivê-la e mostrá-la. A "vivência" (resenhas, churrascos, bailes, etc.) se torna um elemento crucial para validar o capital cultural do artista, criar identificação com o público e responder a questões de autenticidade e raça. O autor destaca que a "vivência" ajuda a coletivizar a perspectiva individualista do artista, conectando-o com jovens pobres e negros que buscam ascensão social.

Essa ênfase na "vivência" e na autenticidade reflete o que Frith (1996) descreve como a busca por autenticidade na música popular. O autor argumenta que a autenticidade não é uma qualidade inerente à música, mas uma construção social que varia de acordo com diferentes contextos culturais e gêneros musicais. No trap brasileiro, a autenticidade está frequentemente ligada à capacidade do artista de representar de forma "verdadeira" as experiências das periferias urbanas, mesmo quando essas representações são mediadas por convenções estéticas e comerciais.

A questão da representação é particularmente importante no contexto da música periférica. Como observa Gonzaga e Castro (2023), o trap articula uma forma de resistência que contesta as estruturas de poder e as perspectivas dominantes sobre como ser integrado aos fluxos de consumo, comunicação e cidadania na sociedade atual. Essa resistência se manifesta não apenas nas letras das músicas, mas também nas práticas culturais associadas ao gênero, como a ocupação de espaços públicos, a criação de redes de produção e distribuição independentes, e a afirmação de estéticas visuais e sonoras específicas.

No entanto, a relação entre música periférica e resistência é complexa e muitas vezes contraditória. Como argumenta Maia (2023), quando artistas ascendem ao sucesso, frequentemente há uma suavização de aspectos da cultura das periferias indesejados pela indústria musical. Ao mesmo tempo, elementos como o consumo de drogas, a sexualização e submissão feminina seguem presentes e destacados, conferindo ao trap industrial uma aura de autenticidade e rebeldia. Essa tensão entre resistência e cooptação, entre autenticidade e comercialização, é uma característica recorrente da música periférica quando ela começa a ganhar visibilidade e sucesso comercial.

Como observa Negus (1999), a indústria musical frequentemente busca incorporar e comercializar formas musicais originalmente marginais, um processo que pode tanto ampliar o alcance dessas formas musicais quanto diluir seu potencial crítico e subversivo. Essa dinâmica é particularmente relevante para o trap brasileiro, que tem experimentado um rápido crescimento nos últimos anos, atraindo o interesse de grandes gravadoras e patrocinadores.

A ascensão do trap brasileiro ao mainstream levanta questões importantes sobre a relação entre cultura, identidade e mercado. Por um lado, o sucesso comercial do trap brasileiro pode ser visto como uma forma de reconhecimento e valorização da cultura periférica, permitindo que artistas de origem humilde alcancem o sucesso e a visibilidade. Por outro lado, esse sucesso também pode implicar em concessões e adaptações por parte dos artistas, que podem se ver pressionados a diluir ou suavizar aspectos de sua identidade cultural para se adequar às demandas do mercado.

Essa tensão entre autenticidade e comercialização é uma característica marcante do trap brasileiro, que se encontra em um momento de transição e consolidação. Os artistas do gênero

enfrentam o desafio de equilibrar a necessidade de se manterem fiéis às suas raízes e identidades culturais com as demandas da indústria musical e do público em geral. Essa negociação constante entre autenticidade e mercado é um dos principais desafios enfrentados pelos artistas do trap brasileiro, e suas escolhas e estratégias terão um impacto significativo no futuro do gênero.

2. Metodologia de pesquisa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, articulada à revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender a estética fonográfica do trap brasileiro em suas dimensões técnicas, culturais e sociais. A etapa bibliográfica fundamenta teoricamente o estudo, permitindo situar o trap em seu contexto histórico, identificar suas principais influências — especialmente do cenário norte-americano — e delimitar os elementos constitutivos de sua estética. Essa base teórica orienta a análise empírica, fornecendo categorias e referenciais que possibilitam uma leitura crítica do fenômeno.

A dimensão qualitativa da pesquisa concentra-se na análise de músicas, entrevistas com artistas e produtores e estudos de caso de obras relevantes, buscando apreender tanto os aspectos formais da produção musical quanto os sentidos culturais e sociais atribuídos ao gênero. Tal abordagem justifica-se pela complexidade do objeto investigado, que envolve não apenas características sonoras, mas também processos identitários, práticas culturais e dinâmicas de mercado. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa permite captar nuances, interpretações e significados que não seriam acessíveis por meio de abordagens quantitativas.

Os procedimentos de coleta de dados foram orientados por critérios de representatividade, diversidade e relevância, contemplando músicas de diferentes regiões do Brasil, artistas consolidados e emergentes, bem como produções mainstream e underground. As entrevistas utilizadas foram obtidas em fontes secundárias, como jornais, revistas, podcasts e plataformas digitais, oferecendo subsídios para compreender o processo criativo, as influências e as escolhas estéticas dos artistas. Complementarmente, os estudos de caso permitiram aprofundar a análise de obras significativas, destacando aspectos inovadores e recorrentes na construção da estética do trap brasileiro.

O corpus da pesquisa foi delimitado temporalmente entre 2015 e 2023, período que abrange a consolidação do trap no Brasil, e geograficamente centrado nos principais polos de produção — especialmente São Paulo e Rio de Janeiro — sem desconsiderar contribuições de outras regiões. Essa delimitação possibilita observar a evolução do gênero, suas variações regionais e a diversidade de estilos que o compõem.

No que se refere aos procedimentos analíticos, a investigação foi estruturada em três eixos principais: elementos sonoros, elementos líricos e identificação de influências e peculiaridades. A análise sonora contempla aspectos como batidas, instrumentação, técnicas vocais e processos de produção, enquanto a análise lírica aborda temas, linguagem, representações sociais e intertextualidade. Já a análise comparativa busca identificar como elementos do trap americano são apropriados e ressignificados no contexto brasileiro, bem como as relações do gênero com outras tradições musicais nacionais, especialmente o funk.

Além disso, a incorporação de entrevistas e depoimentos amplia a compreensão do fenômeno ao incluir a perspectiva dos próprios agentes envolvidos na produção musical, permitindo articular a análise estética com as experiências e intenções dos criadores. Os estudos de caso, por sua vez, funcionam como exemplificações concretas das categorias analíticas, contribuindo para uma interpretação mais densa e contextualizada.

Dessa forma, a combinação entre revisão teórica e análise qualitativa possibilita uma investigação abrangente da estética fonográfica do trap brasileiro, articulando seus aspectos formais e seus significados socioculturais. A metodologia adotada, ao privilegiar a interpretação e a contextualização, permite compreender o gênero não apenas como produção musical, mas como fenômeno cultural dinâmico, em constante transformação.

3. A Estética fonográfica do trap brasileiro

3.1 Elementos sonoros característicos

A estética fonográfica do trap brasileiro é caracterizada por uma combinação única de elementos sonoros, que refletem tanto as influências do trap americano quanto as peculiaridades

culturais e sociais do Brasil. Esses elementos sonoros incluem batidas e ritmos, instrumentação e texturas sonoras, técnicas vocais e flows, e aspectos de produção, mixagem e masterização.

As batidas e ritmos do trap brasileiro são marcadas pelo uso intenso do bumbo eletrônico Roland TR-808, conhecido por seu som grave e prolongado. O 808 é frequentemente utilizado para criar uma base rítmica poderosa e envolvente, que impulsiona a música e cria uma atmosfera densa e imersiva. Além do 808, as batidas do trap brasileiro também se caracterizam pelo uso de hi-hats rápidos e complexos, que criam uma sensação de movimento e energia, e snares (caixas) com efeito de reverberação, que adicionam peso e impacto à batida.

Os padrões rítmicos do trap brasileiro são frequentemente complexos e sincopados, com variações e quebras que criam uma sensação de imprevisibilidade e dinamismo. Esses padrões rítmicos são influenciados tanto pelo trap americano quanto por ritmos brasileiros, como o funk e o samba, que contribuem para a criação de uma sonoridade única e original.

A instrumentação e as texturas sonoras do trap brasileiro são caracterizadas pelo uso de sintetizadores, samples e efeitos sonoros. Os sintetizadores são frequentemente utilizados para criar melodias e harmonias complexas, que adicionam profundidade e sofisticação à música. Os samples, trechos de gravações preexistentes, são utilizados para criar novas músicas a partir de materiais sonoros diversos, que podem incluir desde trechos de músicas antigas até sons do cotidiano. Os efeitos sonoros, como reverberação, delay e distorção, são utilizados para manipular o som e criar texturas e atmosferas únicas.

A instrumentação e as texturas sonoras do trap brasileiro são influenciadas tanto pelo trap americano quanto por outros gêneros musicais, como a música eletrônica e o R&B. No entanto, o trap brasileiro também incorpora elementos da música brasileira, como instrumentos de percussão e melodias regionais, que contribuem para a criação de uma sonoridade distintamente brasileira.

As técnicas vocais e os flows do trap brasileiro são caracterizados por uma variedade de abordagens e estilos. Muitos artistas utilizam o Auto-Tune, um efeito vocal que corrige a afinação e cria uma sonoridade robótica e futurista. O Auto-Tune é utilizado tanto para criar melodias vocais complexas quanto para adicionar um elemento estético e expressivo à voz. Além do Auto-Tune, os artistas do trap brasileiro também utilizam outros efeitos vocais, como reverberação, delay e distorção, para manipular a voz e criar diferentes texturas e atmosferas.

Os flows do trap brasileiro, ou seja, a forma como os artistas cantam ou rimam sobre a batida, são frequentemente rápidos e complexos, com muitas variações de ritmo e cadência. Os artistas do trap brasileiro utilizam uma variedade de técnicas de flow, incluindo o double-time (cantar ou rimar duas vezes mais rápido que o tempo da batida) e o triplet flow (cantar ou rimar em grupos de três notas), para criar uma sensação de energia e dinamismo. Os flows do trap brasileiro são influenciados tanto pelo rap americano quanto por estilos vocais brasileiros, como o canto do funk e o improviso do samba.

A produção, mixagem e masterização do trap brasileiro são caracterizadas por uma estética que valoriza tanto a qualidade sonora quanto a criatividade e a inovação. A produção musical no trap brasileiro é frequentemente realizada em estúdios caseiros ou em pequenos estúdios independentes, com recursos limitados e tecnologias acessíveis. Apesar das limitações, os produtores do trap brasileiro são capazes de criar músicas com sonoridade profissional, utilizando softwares de produção musical, computadores pessoais e outros equipamentos acessíveis.

A mixagem e a masterização do trap brasileiro buscam criar uma sonoridade que seja ao mesmo tempo poderosa e equilibrada. A mixagem envolve a combinação e o balanceamento dos diferentes elementos sonoros da música, como a batida, os instrumentos e a voz, para criar uma sonoridade coesa e envolvente. A masterização envolve o tratamento final do som, incluindo o ajuste do volume, da equalização e da compressão, para garantir que a música soe bem em diferentes sistemas de som e plataformas de reprodução.

A produção, mixagem e masterização do trap brasileiro são influenciadas tanto pelas técnicas utilizadas no trap americano quanto pelas características do mercado musical brasileiro. A estética DIY (do it yourself), que valoriza a criatividade e a inovação dentro de limitações técnicas, é uma marca registrada da produção musical no trap brasileiro.

Em suma, a estética fonográfica do trap brasileiro é caracterizada por uma combinação única de elementos sonoros, que refletem tanto as influências do trap americano quanto as peculiaridades culturais e sociais do Brasil. Essa combinação resulta em uma sonoridade original e inovadora, que continua a evoluir e a se transformar, impulsionada pela criatividade dos artistas e produtores e pelas transformações do cenário musical brasileiro.

3.2 Peculiaridades brasileiras

Apesar das fortes influências do trap americano, o trap brasileiro desenvolveu peculiaridades que o distinguem como uma expressão cultural autenticamente brasileira. Essas peculiaridades refletem a diversidade cultural do país, suas características sociais e históricas, e a criatividade de seus artistas e produtores.

Uma das principais peculiaridades do trap brasileiro é o uso da língua portuguesa nas letras das músicas. Ao contrário do trap americano, que é cantado em inglês, o trap brasileiro utiliza o português para expressar as experiências, os sentimentos e as ideias dos artistas. Essa escolha linguística tem um impacto significativo na estética fonográfica do trap brasileiro, conferindo-lhe uma sonoridade e uma identidade únicas.

O uso do português nas letras do trap brasileiro permite que os artistas se conectem de forma mais direta e autêntica com o público brasileiro, que compartilha a mesma língua e o mesmo contexto cultural. Além disso, o português oferece uma riqueza de possibilidades poéticas e expressivas, que os artistas do trap brasileiro exploram de forma criativa e inovadora.

Outra peculiaridade do trap brasileiro é a incorporação de ritmos e melodias regionais em sua sonoridade. O Brasil é um país de grande diversidade cultural, com diferentes regiões, possuindo seus próprios estilos musicais e tradições. O trap brasileiro se apropria dessa diversidade, incorporando elementos de ritmos como o funk, o samba, o axé, o forró e outros estilos regionais, criando uma sonoridade híbrida e inovadora.

Essa incorporação de ritmos e melodias regionais confere ao trap brasileiro uma identidade única e original, que o diferencia do trap americano e de outras formas de música urbana. Além disso, essa mistura de estilos musicais reflete a diversidade cultural do Brasil e a capacidade dos artistas brasileiros de criar algo novo a partir de suas próprias tradições.

A temática das letras também é uma peculiaridade importante do trap brasileiro. Embora o trap americano frequentemente aborda temas como drogas, violência e pobreza, o trap brasileiro também explora outras questões sociais e culturais relevantes para o contexto brasileiro. As letras do trap brasileiro frequentemente abordam temas como desigualdade social, racismo, violência

policial, a vida nas periferias, a busca por ascensão social e a celebração da cultura negra e periférica.

Essa temática diversificada e engajada confere ao trap brasileiro um caráter de resistência e contestação, que o diferencia de outras formas de música urbana. Além disso, as letras do trap brasileiro frequentemente utilizam gírias, expressões e referências culturais específicas do Brasil, o que contribui para a criação de uma identidade linguística e cultural única.

A representação da "vivência" brasileira, com suas especificidades culturais e sociais, é outra peculiaridade do trap brasileiro. Como argumenta Maia (2023), nos anos 2020, não basta apenas cantar sobre a "vivência", é preciso vivê-la e mostrá-la. A "vivência" (resenhas, churrascos, bailes, etc.) se torna um elemento crucial para validar o capital cultural do artista, criar identificação com o público e responder a questões de autenticidade e raça.

Essa ênfase na "vivência" brasileira se manifesta não apenas nas letras, mas também nos videoclipes, nas redes sociais e em outras formas de expressão visual associadas ao trap brasileiro. Artistas frequentemente situam símbolos de status e sucesso em contextos especificamente brasileiros, como favelas, subúrbios e espaços urbanos característicos das cidades brasileiras, criando uma estética visual que é simultaneamente global e local.

A relação com a religiosidade, especialmente com as igrejas evangélicas, é outra peculiaridade do trap brasileiro. Como observa Maia (2023), o progresso material e social celebrado no trap brasileiro está frequentemente ligado à influência da igreja evangélica e sua teologia do progresso em vida, onde conquistas materiais e espirituais são atribuídas a Deus. Essa influência religiosa cria narrativas de sucesso e superação que são específicas do contexto brasileiro.

Em termos de produção e distribuição, o trap brasileiro também apresenta peculiaridades que refletem o contexto brasileiro. A democratização das tecnologias de produção musical, combinada com as limitações de recursos enfrentadas por muitos produtores e artistas brasileiros, cria uma estética que frequentemente valoriza a criatividade e a inovação dentro de limitações técnicas. Essa abordagem DIY (do it yourself) é uma marca registrada da produção musical no trap brasileiro, que se destaca pela capacidade de criar música de qualidade com recursos limitados.

Além disso, o trap brasileiro também se caracteriza por uma forte presença nas redes sociais e plataformas digitais, que desempenham um papel fundamental na divulgação e no consumo da música. Essa presença digital intensa reflete as características do mercado musical brasileiro, onde as redes sociais e as plataformas de streaming são cada vez mais importantes para o sucesso dos artistas.

Em suma, o trap brasileiro desenvolveu uma série de peculiaridades que o distinguem como uma forma de expressão cultural autenticamente brasileira. Essas peculiaridades refletem a diversidade cultural do país, suas características sociais e históricas, e a criatividade de seus artistas e produtores, que criaram uma estética fonográfica única e original.

4 Subgêneros e variações regionais

A constituição do trap brasileiro evidencia um processo contínuo de hibridização estética e cultural, no qual a relação com o funk se destaca como um dos eixos mais significativos. Essa aproximação não ocorre de forma aleatória, mas resulta de afinidades históricas, sonoras e identitárias entre os gêneros, ambos vinculados às periferias urbanas e às matrizes do hip-hop. Nesse contexto, emerge o trap funk como subgênero híbrido, caracterizado pela incorporação de elementos técnicos do trap — como o uso de 808, hi-hats complexos e sintetizadores — combinados às estruturas rítmicas, melodias e referências culturais do funk brasileiro. Essa fusão não apenas produz uma sonoridade inovadora, mas também amplia o repertório temático, articulando narrativas que transitam entre crítica social, celebração, sensualidade e cotidiano periférico.

Além da dimensão sonora, o trap funk também se expressa por meio de uma estética visual marcada pela ostentação, pela performatividade e pela representação simultânea de desigualdades e aspirações sociais. Videoclipes frequentemente articulam imagens de consumo, festas e símbolos de status com referências à precariedade e à violência urbana, evidenciando as contradições que atravessam a experiência periférica. Essa dualidade reforça o caráter ambivalente do gênero, que oscila entre denúncia e celebração, consolidando-se como linguagem cultural de forte identificação com o público jovem.

Paralelamente, o trap brasileiro apresenta variações regionais que evidenciam a diversidade cultural do país. Em São Paulo, observa-se uma forte herança do rap local, com ênfase em letras elaboradas e engajadas, frequentemente articuladas com influências do funk paulista. Já no Rio de Janeiro, o trap se aproxima mais diretamente do funk carioca, incorporando elementos rítmicos e de flow característicos desse gênero, o que resulta em uma sonoridade marcada pela cadência e pela energia percussiva. Outras regiões, como Bahia, Minas Gerais e estados do Nordeste, também desenvolvem variações próprias, integrando ritmos locais — como arrocha, pagode, reggae e forró — e criando configurações estéticas que reafirmam o caráter híbrido e descentralizado do trap brasileiro.

No cenário contemporâneo, o gênero continua a se expandir por meio de novos desdobramentos e tendências. Destaca-se a crescente fusão com outros estilos musicais globais, como R&B, afrobeat e reggaeton, refletindo a fluidez das fronteiras musicais na era digital. Ao mesmo tempo, observa-se uma ampliação temática das letras, que passam a abordar não apenas questões estruturais das periferias, mas também dimensões subjetivas, como afetividade, espiritualidade e saúde mental. Esse movimento contribui para complexificar as formas de expressão do gênero e ampliar seu alcance simbólico.

Outro aspecto relevante é o processo de internacionalização do trap brasileiro, impulsionado por colaborações com artistas estrangeiros e pela circulação em plataformas digitais. Esse fenômeno evidencia a inserção do gênero em circuitos globais de produção e consumo cultural, ao mesmo tempo em que reafirma sua especificidade local. Assim, o trap brasileiro se configura como um campo dinâmico de experimentação estética e negociação cultural, no qual influências globais são continuamente reinterpretadas a partir de contextos regionais e experiências sociais diversas.

5. Dimensões socioculturais do trap brasileiro

O trap brasileiro configura-se como uma importante forma de representação da realidade social contemporânea, especialmente no contexto das periferias urbanas, onde emergem narrativas que articulam experiências de desigualdade, racismo, violência e busca por mobilidade social. As

letras do gênero não apenas descrevem essas vivências, mas constroem interpretações críticas sobre o cotidiano urbano, evidenciando as tensões entre exclusão social e resistência cultural. Nesse sentido, o trap atua simultaneamente como denúncia das estruturas de desigualdade e como espaço de valorização das identidades periféricas, ao mesmo tempo em que celebra elementos da cultura negra e das sociabilidades locais.

Essa dimensão representacional é atravessada por disputas simbólicas, uma vez que diferentes artistas elaboram perspectivas diversas — por vezes contraditórias — sobre a mesma realidade social. As letras não funcionam como reflexos passivos do mundo, mas como produções discursivas que moldam percepções e influenciam a forma como o público compreende questões como território, classe e raça. Assim, o trap brasileiro constitui um campo de negociação de sentidos, no qual denúncia, orgulho e pertencimento se entrelaçam.

No que se refere à identidade, o gênero desempenha papel central na afirmação cultural de jovens periféricos, sobretudo negros, que constroem suas subjetividades em oposição a modelos hegemônicos. A identificação com a periferia, expressa na linguagem, nos símbolos e nas referências culturais, configura-se como estratégia de resistência e legitimação de experiências historicamente marginalizadas. Ao mesmo tempo, o trap brasileiro incorpora influências globais, especialmente do hip-hop norte-americano, configurando um processo de hibridização no qual elementos locais e internacionais se articulam sem anular a especificidade cultural brasileira.

A autenticidade emerge como valor central nesse contexto, manifestando-se tanto nas escolhas linguísticas quanto na estética visual e performática dos artistas. Entretanto, essa busca é atravessada por tensões, sobretudo diante das exigências do mercado musical, que frequentemente impõe padrões estéticos e comerciais. Dessa forma, os artistas enfrentam o desafio de equilibrar fidelidade às suas origens com a necessidade de inserção em circuitos mais amplos de consumo, o que pode gerar negociações e reconfigurações identitárias.

No âmbito do consumo e do mercado, o crescimento do trap brasileiro está diretamente relacionado à expansão das plataformas digitais, que democratizaram o acesso à produção e à circulação musical. Redes sociais e serviços de streaming possibilitaram a emergência de novos artistas e ampliaram significativamente o alcance do gênero, atraindo o interesse de grandes gravadoras e agentes da indústria cultural. Esse movimento, embora amplie oportunidades e

visibilidade, também intensifica as tensões entre autonomia artística e lógica mercadológica, podendo levar à padronização estética e à diluição de elementos culturais específicos.

Dessa forma, o trap brasileiro se estabelece como um fenômeno sociocultural complexo, no qual representação, identidade e mercado se articulam de maneira dinâmica. Ao mesmo tempo em que funciona como espaço de expressão e resistência, o gênero também se insere em circuitos de consumo que influenciam suas formas de produção e circulação. Essa dualidade evidencia o caráter ambivalente do trap no Brasil, situado entre a afirmação cultural das periferias e as demandas da indústria musical contemporânea

6. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a estética fonográfica do trap brasileiro, identificando as influências do trap americano e as peculiaridades culturais e sociais do Brasil, e como essas características se manifestam na produção musical contemporânea. Através de uma metodologia que combinou pesquisa bibliográfica e análise qualitativa de conteúdo musical, o estudo mapeou os elementos sonoros característicos do trap brasileiro, analisou suas influências americanas e peculiaridades locais, examinou seus subgêneros e variações regionais, e investigou suas dimensões socioculturais.

Os resultados da pesquisa revelaram que o trap brasileiro é um fenômeno musical complexo e multifacetado, que reflete tanto as raízes e influências do trap americano quanto às particularidades culturais e sociais do Brasil. O trap brasileiro se apropria de elementos do trap americano, como batidas, samples e técnicas de produção, mas os molda com peculiaridades brasileiras, como a língua portuguesa, ritmos regionais e narrativas urbanas locais, criando uma sonoridade que é ao mesmo tempo global e local.

A pesquisa também destacou a relação simbiótica entre o trap e o funk brasileiro, que representa um reencontro de gêneros com raízes comuns no hip hop. Essa fusão de influências não apenas enriquece o campo cultural, mas também tem consequências econômicas e sociais, impulsionando a indústria musical, gerando oportunidades para artistas periféricos e fortalecendo a identidade cultural brasileira.

No entanto, a pesquisa também apontou para as tensões e contradições presentes no cenário do trap brasileiro. Questões como gênero, raça, classe, consumo, mercado, resistência e contestação são centrais para a compreensão do papel do trap brasileiro na sociedade. O trap brasileiro pode ser tanto uma forma de resistência e contestação quanto um espaço de reprodução de desigualdades e preconceitos. A forma como os artistas abordam essas questões em suas músicas e em suas práticas culturais pode ter um impacto significativo na forma como o público percebe e compreende a realidade social brasileira.

A pesquisa concluiu que a estética fonográfica do trap brasileiro, com sua capacidade de dialogar com diferentes referências e expressar a identidade do país, exemplifica como a música pode ser um espaço de encontro, transformação e resistência. O trap brasileiro é um fenômeno musical em constante evolução, impulsionado pela criatividade dos artistas e produtores, pelas novas tecnologias de produção musical e pelas transformações culturais e sociais do país.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o campo dos estudos culturais e musicais, oferecendo uma perspectiva acadêmica sobre um fenômeno cultural contemporâneo de grande relevância. Além disso, espera-se que os resultados da pesquisa possam ser úteis para artistas, produtores, pesquisadores e demais interessados no tema, estimulando novos estudos e reflexões sobre o trap brasileiro e sua relação com a cultura e a sociedade.

7. Referências

BURTON, J. **Trap Theory: Staging the Spectacle of Black Masculinity in Southern Hip Hop.** *American Studies*, v. 56, n. 1, p. 27-50, 2017.

CHANG, J. **Can't Stop Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation.** New York: Picador, 2005.

FRITH, S. **Performing Rites: On the Value of Popular Music.** Cambridge: Harvard University Press, 1996.

GONZAGA, T.; CASTRO, R. Trap como resistência: contestação e busca de reconhecimento na música periférica. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Compós, 2023. p. 1-20.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
KATZ, M. **Capturing Sound: How Technology Has Changed Music**. Berkeley: University of California Press, 2010.

MAIA, F. **Trap e funk, o projeto brasilianista do hip hop**. 2023. Disponível em: <https://maiafelipe.com/trapfunkbr.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MITCHELL, T. **Global Noise: Rap and Hip-Hop Outside the USA**. Middletown: Wesleyan University Press, 2001.

MORRIS, C. Get the Bag: The Future of Trap Music. *Journal of Popular Music Studies*, v. 31, n. 3, p. 98-117, 2019.

NEGUS, K. **Music Genres and Corporate Cultures**. London: Routledge, 1999.

PENRICE, R. The Rise of Trap Music in Atlanta. *Atlanta Journal-Constitution*, Atlanta, 15 jun. 2003.

ROSE, T. **Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America**. Hanover: Wesleyan University Press, 1994.

SCHLOSS, J. G. **Making Beats: The Art of Sample-Based Hip-Hop**. Middletown: Wesleyan University Press, 2004.

TEPERMAN, V. **Tudo é mato: o rap como pensamento da periferia**. São Paulo: Annablume, 2015.